

# Balanço da Economia Brasileira e Mineira em 2009 e Perspectivas para 2010

FIEMG  
CIEMG  
SESI  
SENAI  
IEL

Sistema  
**FIEMG**



# Balanço da Economia Brasileira e Mineira em 2009 e Perspectivas para 2010

## **BALANÇO – APRESENTAÇÃO**

O ano de 2009 iniciou com um horizonte bastante incerto e pessimista. Qualquer prognóstico apontava para um processo muito lento de retomada do crescimento econômico.

Com muito trabalho, propostas e acertos dos governos na adoção de medidas tributárias, creditícias e de fomento a investimentos estamos encerrando o ano com a economia brasileira e mineira dando claros sinais de força e sustentabilidade para conseguir reverter os efeitos da recessão que se abateu sobre a economia mundial.

Isso mostra que estamos no caminho certo e que a sociedade, empresários e governo, ao longo dos anos, vêm construindo as bases para uma economia inserida nos mercados globais, porém, também sustentada num mercado interno de dimensões continentais e ainda com elevado potencial de expansão.

Hoje somos uma democracia consolidada, com estabilidade, tanto econômica como institucional. O crescimento previsto para os próximos anos reforçará no país o ciclo virtuoso que permite o aumento do emprego, a geração da renda e o aumento do consumo. Diante desse potencial do mercado interno, o país vem assumindo posição de liderança mundial na atração de investimentos produtivos, os quais se somam aos vultosos investimentos feitos pelos empresários nacionais.

É com este quadro promissor que vamos entrar em 2010, um ano novamente de desafios, marcado pela renovação no executivo e legislativo, federal e estadual. Cumpre mais uma vez, rediscutirmos projetos e prioridades nacionais e locais, avançarmos a partir do que já foi conquistado e enfrentar as fragilidades que o País ainda enfrenta.

É essencial que o próximo governo enfrente a difícil questão de como equacionar a necessidade de aumento do investimento público em um orçamento onde a participação dos gastos de custeio é crescente e parcela considerável do gasto tem destinação obrigatória. Caberá, também, ao próximo governo, mostrar de forma objetiva e clara a urgência das reformas estruturais das quais o País precisa.

Na área tributária, por exemplo, a reforma é essencial para dar competitividade global às empresas brasileiras. É urgente a redução da carga tributária que incide sobre a produção, promover a desoneração total do investimento, implementar mecanismos eficazes de recuperação de créditos tributários nas exportações e simplificar os procedimentos ligados às obrigações tributárias acessórias.

Para melhorar a competitividade da indústria nacional é importante ainda avançar na redução dos encargos sociais incidentes sobre a folha de pagamentos das empresas, melhorar a legislação e regulamentações para reduzir a insegurança jurídica e flexibilizar as relações do trabalho. Na área ambiental, rever os critérios e procedimentos dos processos de licenciamento ambiental e definir as competências dos entes federados para o licenciamento ambiental.

Acentuamos também a importância do Brasil melhorar a qualidade da regulação, garantindo maior estabilidade e transparência no sistema regulatório, condição básica para elevar a atração de investimentos, nacionais e internacionais, nas áreas de energia, transportes, portos, saneamento e telecomunicações.

Esses são alguns dos pontos defendidos pela indústria do país e que, a partir do 4º Encontro Nacional da Indústria (ENAI), realizado em novembro de 2009, compõem as prioridades e recomendações da indústria para o período de 2011 a 2014.

## **ÍNDICE**

<b>Sumário executivo</b> .....	<b>7</b>
<b>Economia Mundial em Perspectiva</b> .....	<b>10</b>
A Retomada do Crescimento Mundial – Economias Seleccionadas.....	12
<b>Economia Brasileira em Perspectiva</b> .....	<b>14</b>
Crescimento.....	14
Juros e Câmbio.....	16
O PIB sob a Ótica da Demanda: Consumo, Investimento, Gastos do Governo e Setor Externo.....	18
Informações sobre o Crédito em 2009 .....	22
<b>Economia Mineira</b> .....	<b>29</b>
Produto Interno Bruto .....	29
Comércio Exterior .....	31
Investimentos .....	33
<b>Indústria Mineira</b> .....	<b>35</b>
Produção Física.....	35
Faturamento.....	37
Emprego Industrial.....	39
Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI).....	41
Mercado de Trabalho.....	43



## ***SUMÁRIO EXECUTIVO***

### **Economia Mundial**

- Passado um ano de seu momento mais crítico, o nível de atividade econômica permanece abaixo do nível pré-crise. Apesar da lenta retomada do crescimento, os prognósticos são otimistas e a projeção para o crescimento global está em torno de 3% em 2010, depois de uma contração no nível de atividade de cerca de 1% em 2009.
- Projeções apontam uma recuperação da economia americana com crescimento de 1,5% em 2010, após a retração esperada de 2,7% do PIB.
- Novamente, o destaque ficará por conta da China que superará, facilmente, a meta de 8% de crescimento neste ano. Para 2010, a previsão de crescimento é de 9,0%, segundo o FMI.

### **Economia Brasileira**

- Após crescer 4% a.a, em média, durante o período de 2003 a 2007 e de avançar 5,1% em 2008, a economia brasileira deve ter um crescimento de 0,2% em 2009.
- A indústria, fortemente afetada pela crise, mostra notável recuperação. A forte retomada da produção industrial nos últimos meses, influenciada basicamente pelo consumo de bens duráveis contribuiu para um crescimento do PIB industrial de 2,9% no terceiro trimestre.



- Segundo os dados da Pesquisa Indicadores Industriais, o faturamento real da indústria de transformação de Minas Gerais apresentou retração de 10,9% no acumulado do ano até outubro. O indicador da indústria geral apresentou queda maior, 12,5%. As maiores reduções ocorreram nos setores de Máquinas e Equipamentos (-34,3%), Extrativo Mineral (-30,8) e Metalurgia Básica (-23,6%).
- Os indicadores de emprego da Pesquisa Indicadores Industriais mostram ainda uma queda de 0,8% no emprego da indústria de transformação no período de janeiro a outubro deste ano. Na indústria brasileira a queda foi de 3,5%.
- No mesmo período, a indústria extrativa mostrou expansão de 0,7% na variável, e a indústria geral reduziu em 0,7% o pessoal empregado.
- De janeiro a outubro deste ano, a utilização da capacidade instalada média foi de 81,8% para indústria mineira geral.
- O otimismo do empresário industrial mineiro se refletiu no Índice de Confiança (ICEI-MG) do último trimestre de 2009 e primeiro trimestre de 2010, apresentando nível recorde.

**Tabela 1 | Sumário das Projeções**

Variável	2009	2010
PIB Mundial (crescimento %)	-1,0	3,1
PIB Brasil (crescimento %)	0,2	5,5
PIB Minas Gerais (crescimento %)	-0,5	5,5
Formação Bruta de Capital Fixo (%)	-13,0	14,8
Produção Industrial Brasil (crescimento %)	-7,4	9,5
Produção Industrial Minas Gerais (crescimento %)	-13,0	12,6
Faturamento Industrial Minas Gerais (crescimento %)	-7,3	16,3
Exportações Brasileiras (US\$ bilhões)	153,3	188,7
Exportações de Minas Gerais (US\$ bilhões)	19,5	25,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$ - fim de período)	1,70	1,75
Taxa de Câmbio (R\$/US\$ - média)	1,98	1,74
IPCA (%a.a.)	4,25	4,45
Selic Nominal (%a.a.)	8,75	10,50
Selic Real (%a.a.)	4,12	5,7
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	44,6	42,3

Fonte: FIEMG, FMI, Tendências Consultoria e Boletim Focus do Banco Central do Brasil.  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## ***ECONOMIA MUNDIAL EM PERSPECTIVA***

A economia global se recupera de sua mais severa crise financeira desde a grande depressão e da mais profunda recessão desde a segunda grande guerra. Passado um ano de seu momento mais crítico, o ritmo de recuperação ainda é lento e o nível de atividade ainda permanece abaixo do nível pré-crise. Os prognósticos que surgem, contudo, são mais otimistas, à medida que se confirmam a retomada da atividade industrial, os sinais de estabilização gradual das vendas do varejo e o retorno da confiança do consumidor.

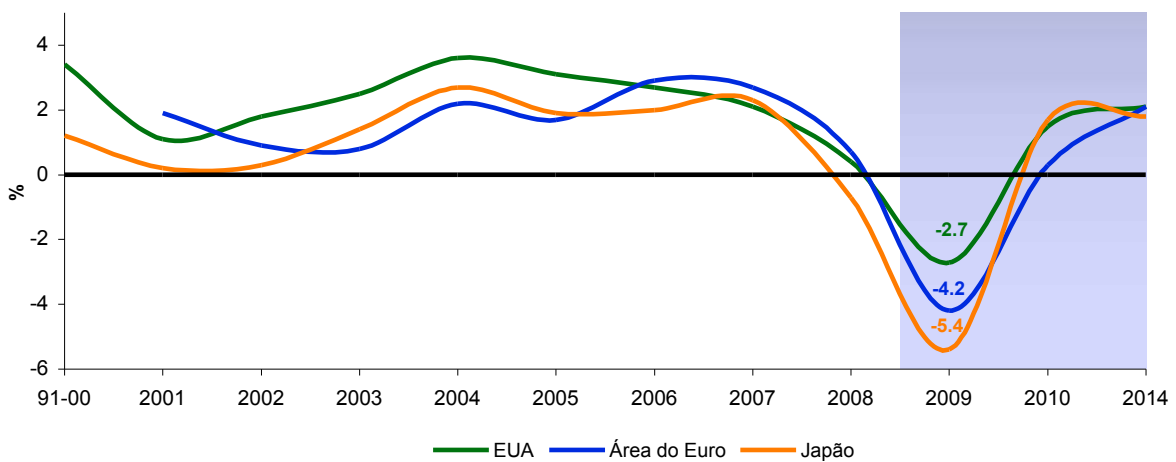
A crise levou os bancos centrais a reagirem com significativos cortes de juros e com medidas pouco convencionais para injetar liquidez e sustentar o crédito. Da mesma forma, governos empreenderam inéditos programas de estímulos fiscais, além de darem suporte ao sistema bancário com garantias e injeção de capitais. Essas medidas têm tido um papel fundamental na retomada do crescimento global e há um consenso de que ainda é prematuro abandoná-las. Porém, um dos pontos cruciais para definir a trajetória de crescimento no médio e longo prazo é de como se dará a volta das políticas fiscal e monetária aos quesitos de solvência do setor público e da estabilidade de preços.

Segundo projeções do FMI, nas economias avançadas, a razão Dívida/PIB deverá se elevar para 115% em 2014, a partir de 75% em 2007 – elevação sem precedentes que levará, necessariamente, uma maior carga de impostos, e, eventualmente, a um menor potencial de crescimento da economia mundial nos próximos anos. Por conta do maior endividamento e da necessidade de conter eventuais pressões inflacionárias, a taxa de juros deverá subir dos patamares historicamente baixos em que se encontra hoje.

Outro importante desafio para a economia mundial nesse momento é promover um re-equilíbrio da demanda global. O ciclo de crescimento global anterior evidenciou desequilíbrios entre duas das principais economias do mundo, EUA e China, cabendo ao país asiático financiar, com sua abundante poupança, o elevado consumo nos EUA. Isso refletiu em crescentes saldos em conta corrente da China e em monumentais déficits americanos. A política cambial chinesa que mantém o yuan desvalorizado dificulta o ajuste das exportações americanas e retarda a recuperação daquela economia. O yuan desvalorizado também cria relações de comércio assimétricas com o resto do mundo, com prejuízos principalmente para o setor industrial, que concorre com os produtos chineses.

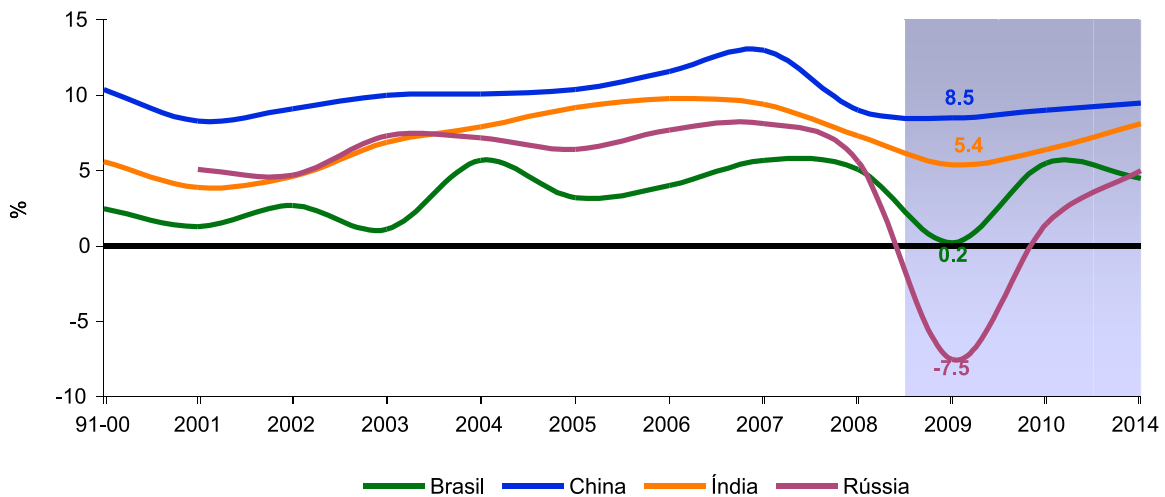
A projeção para o crescimento global está em torno de 3% em 2010, depois de uma contração no nível de atividade de cerca de 1% em 2009 (Ver Tabela 2). Durante o quinquênio 2010–14, espera-se que o crescimento global retome uma trajetória de crescimento médio de 4 %a.a.

**Gráfico 1 | Crescimento das Economias Avançadas (em %)**



Fonte: FMI. Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

**Gráfico 2 | Crescimento dos BRIC'S (em %)**



Fonte: FMI. Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## **A Retomada do Crescimento Mundial – Economias Seleccionadas**

### **Estados Unidos**

Estimativas para o terceiro trimestre de 2009 apontam para um crescimento de 2,8% do PIB. Isso significa que a economia retomou o crescimento após quatro trimestres consecutivos de queda que fizeram dessa a mais longa e profunda recessão no período pós-guerra. Para 2009, as projeções do FMI apontam para uma retração de 2,7% do PIB americano.

Contudo, o ritmo da recuperação diminuiu aumentando as preocupações com relação à força da recuperação econômica. Aparentemente, o impacto do corte de impostos e dos estímulos monetários para aquisição de novos veículos se dissiparam. O desemprego permanece elevado (10%), sem perspectivas de forte recuperação no próximo ano. Segundo expectativas do Federal Reserve, o desemprego deverá permanecer elevado, se reduzindo para 9,7% ao final de 2010.

Ao cenário de fraca demanda, somam-se os problemas de contração do crédito para consumidores e para pequenas e médias empresas tornando improvável uma retomada do crescimento econômico superior ao 1,5% projetado pelo FMI para 2010.

### **Japão**

O crescimento do PIB japonês foi de 1,2% no terceiro trimestre de 2009 na comparação com o trimestre anterior. Na comparação com igual período do ano anterior, o crescimento foi de 4,8%, encerrando um período de cinco trimestres de retração. Isso se deveu principalmente a um movimento de recomposição de estoques e de uma modesta contribuição das políticas fiscais direcionadas a aumentar o consumo das famílias. Segundo as projeções do FMI, o crescimento será de -5,4% em 2009, e 1,7% em 2010.

Além dos problemas conjunturais associados à crise financeira, no Japão persiste o desafio vivido desde a estagnação na década de 1990 de reestruturar a economia de modo a permitir uma maior contribuição da demanda interna ao crescimento econômico japonês. A China deve superar o Japão e assumir o posto de segunda maior economia em 2010, de acordo com Economist Intelligence Unit.

### **China**

A China retomou forte crescimento no segundo trimestre de 2009, crescendo 7,9% na comparação com igual trimestre do ano anterior. Utilizando a mesma comparação, o primeiro trimestre de 2009 registrou queda de 6,1%. A recuperação ganhou ainda maior força no terceiro trimestre, com crescimento de 8,9% e que pode atingir 10% no quarto trimestre. A recuperação, até agora, se deu induzida pelos investimentos públicos em gastos com infraestrutura, embora os gastos privados também já iniciam um processo de retomada. Desse modo, a China superará, facilmente, a meta de 8% de crescimento neste ano. Para 2010, a previsão de crescimento é de 9,0%, segundo o FMI.

## Área do Euro

Após uma retração de 0,2% no 2º trimestre, o PIB na Área do Euro cresceu 0,4% no 3º trimestre, encerrando a recessão na região. A produção industrial ainda está 12,9% abaixo no acumulado do ano, em relação ao mesmo período de 2008, embora outubro tenha sido o quinto mês consecutivo de crescimento. Apesar dessa melhoria, o mercado de trabalho continua frágil e a taxa de desemprego se encontra estável em torno de 10,0%.

Segundo as previsões do FMI, o crescimento econômico da região será de -4,2% em 2009 e de 0,3% em 2010. As previsões de crescimento em 2009 para alguns países selecionados são: Alemanha (-5,1%), França (-2,2%), Itália (-5,5%) e Espanha (-4%).

**Tabela 2 | Crescimento do PIB – Sumário de Previsões**

	2007	2008	Previsão	
			2009	2010
Economias Avançadas	2,7	0,6	-3,4	1,3
Estados Unidos	2,1	0,4	-2,7	1,5
Área do Euro	2,7	0,7	-4,2	0,3
Japão	2,3	-0,7	-5,4	1,7
Canadá	2,5	0,4	-2,5	2,1
Reino Unido	2,6	0,7	-4,4	0,9
Economias Emergentes	8,3	6	1,7	5,1
Brasil	6,1	5,1	0,2	5,5
Rússia	8,1	5,6	-7,5	1,5
Índia	9,4	7,3	5,4	6,4
China	13	9	8,5	9
Argentina	8,7	6,8	-2,5	1,5
Chile	4,7	3,2	-1,7	4
México	3,3	1,3	-7,3	3,3
Economia Mundial	3,3	1,3	-1,0	3,1

Fonte: FMI

Previsão Brasil: Boletim Focus, Banco Central do Brasil

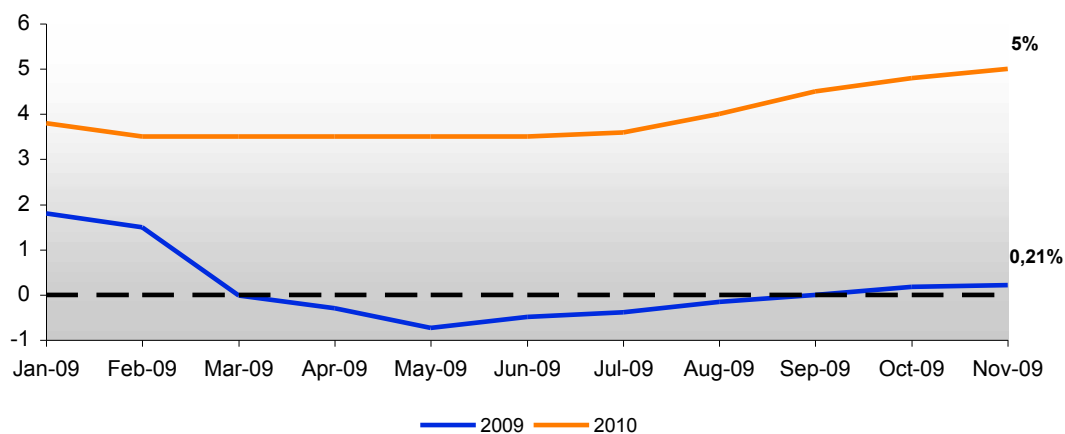
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## ***ECONOMIA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA***

### **Crescimento**

A crise interrompeu o formidável ritmo de crescimento do PIB brasileiro. Após crescer 4% a.a. em média, durante o período de 2003 a 2007 e de avançar 5,1% em 2008, a economia brasileira deve ter um crescimento de 0,2% em 2009. Ao longo do ano, as projeções eram, contudo, mais pessimistas, face à gravidade da crise.

**Gráfico 3 | Evolução da Mediana das Expectativas de Crescimento (em %)**



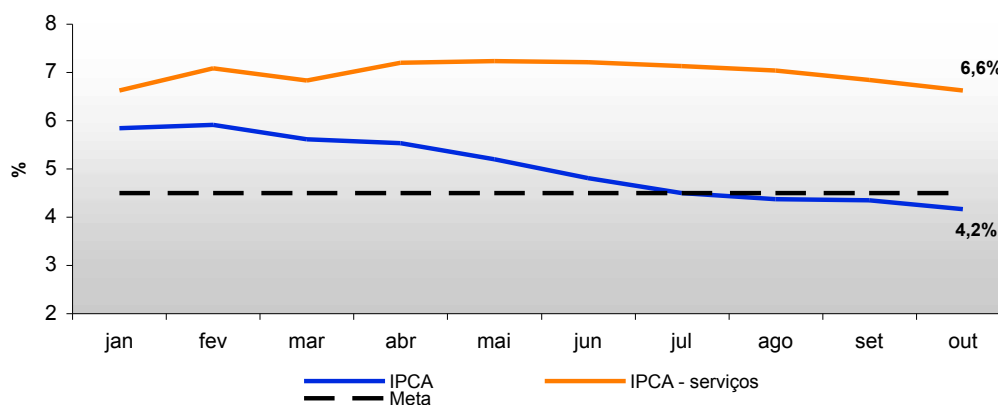
Fonte: Relatório Focus – Banco Central do Brasil  
Nota: Atualizado até 20 de novembro de 2009.  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças



## Inflação

Em 2009, houve tranquila acomodação da inflação às metas. Contribuíram para isso a diminuição brusca da demanda externa por produtos brasileiros, que permitiu que parte da oferta de produtos do mercado externo fosse redirecionada para o interno, e a queda nos preços de commodities. A queda na demanda interna e a valorização da taxa de câmbio também possibilitaram uma maior flexibilização da política monetária fazendo com que a inflação, medida pelo IPCA, terminasse o ano próximo ao centro da meta estabelecida. Não houve, contudo, ajustes bruscos na demanda interna, que se mostrou bastante resiliente aos choques da crise, de modo que não houve pressões deflacionárias significativas como ocorrido em outras economias.

**Gráfico 4 | Inflação (IPCA) Acumulada em 12 meses (em %)**



Fonte: Banco Central do Brasil

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Pela ótica da produção, os atuais níveis de utilização da capacidade instalada deverão registrar ligeira elevação ao longo de 2010 sem grandes impactos na inflação. De acordo com projeção da Tendências Consultoria, o indicador deverá aumentar marginalmente de 80% para 83%, contando ainda com os efeitos positivos associados à maturação dos investimentos previstos para o próximo ano. Para 2010, a mediana das expectativas de inflação é de um aumento de 4,45% no IPCA, ligeiramente superiores aos 4,25% esperados para 2009.

## Juros e Câmbio

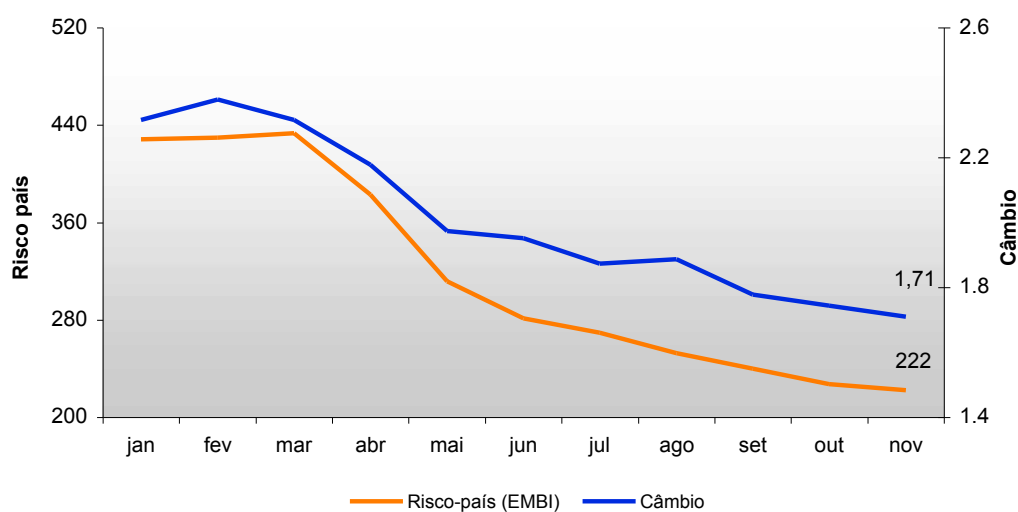
Por conta do cenário de desaceleração econômica o Banco Central imprimiu maior ritmo à redução na taxa básica de juros. Ao longo do ano de 2009, a redução chegou a 5 pontos percentuais e a taxa de juros atual, de 8,75%a.a., é a mais baixa da série histórica. Levando-se em conta a expectativa de inflação nos próximos 12 meses, a taxa de juros real se encontra em 4,2%, outro piso histórico.

Para 2010, há expectativas, segundo analistas de mercado, de que os efeitos defasados da política monetária e das medidas de alívio fiscal adotadas em 2009 levem o Banco Central a retomar elevações na taxa Selic para evitar que a inflação permaneça no centro da meta. Isso justifica a previsão, segundo o Boletim Focus do Banco Central (04/12/2009), para encerramento da Selic entre 10,5% e 10,75% a.a no final de 2010.

No que diz respeito ao mercado de câmbio, passados os momentos de maior incerteza, ao final de 2008, a taxa de câmbio em 2009 seguiu tendência de queda. Isso decorre de fatores externos relacionados à desvalorização do dólar do mercado financeiro internacional e, também, de fatores intrínsecos à economia brasileira. No plano doméstico, o aumento da confiança dos investidores estrangeiros na economia brasileira e o diferencial de juros geraram pressões baixistas no câmbio, que chegou a US\$1,70.

De acordo com a mediana das expectativas do Boletim Focus, a taxa de câmbio ao final de 2010 deverá estar em R\$/US\$1,75.

### Gráfico 5 | Evolução do câmbio e Risco País em 2009



Fonte: Ipeadata, JP Morgan  
 Nota: Atualizado até 20 de novembro de 2009.  
 Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Se por um lado a apreciação cambial reduz o custo de ampliação e modernização do parque industrial via maiores importações de bens de capital, por outro lado gera perda de competitividade das exportações brasileiras e da produção nacional no mercado interno. Por conta disso, o câmbio é, hoje, uma das grandes preocupações da indústria uma vez que os recentes movimentos de valorização comprometem a competitividade de vários setores industriais. Mais preocupante ainda é a constatação de que não há, no médio e longo prazo, perspectivas de reversão dessa tendência; e o reconhecimento de que os instrumentos de políticas cambiais são pouco eficientes para gerar uma suficiente desvalorização do real.

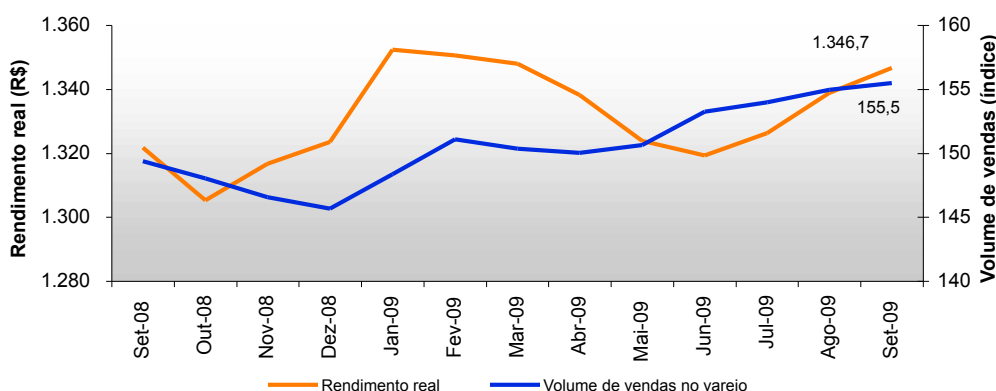
Nesse sentido, políticas horizontais de desoneração fiscal e de melhorias na infraestrutura visando ganhos de produtividade assumem caráter prioritário para o desenvolvimento industrial do país de forma a compensar a perda de competitividade associada ao câmbio.

### O PIB sob a Ótica da Demanda: Consumo, Investimento, Gastos do Governo e Setor Externo

O dinamismo do consumo privado, verificado desde 2004, tem sido um fator preponderante para o desempenho da economia brasileira durante os últimos anos. Não obstante a crise, as vendas no varejo cresceram 4,8% de janeiro a setembro de 2009.

De forma menos pronunciada que em anos anteriores, o crescimento do rendimento real das pessoas ocupadas juntamente com a expansão do mercado de crédito foram determinantes para o aumento no consumo das famílias. De acordo com o IBGE, apesar da crise, o rendimento médio real do trabalho cresceu 1,8% nos doze meses até setembro de 2009.

**Gráfico 6 | Rendimento Médio Real e Volume de Vendas do Varejo**



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

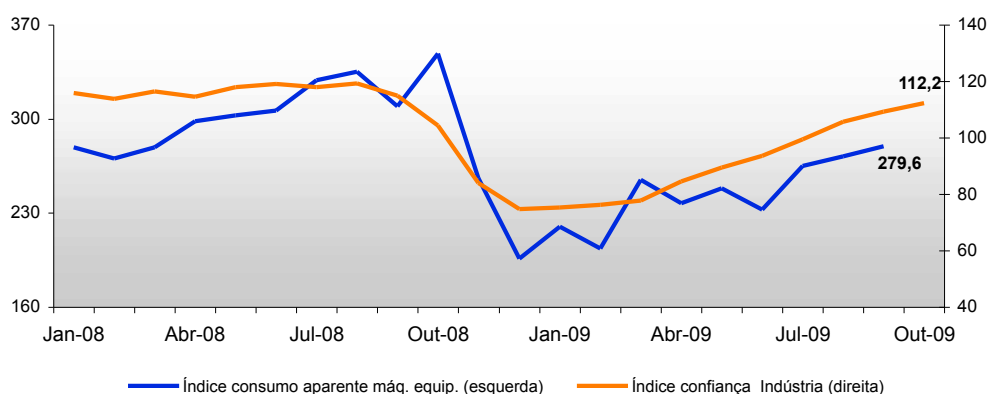
Outro fator preponderante para a evolução do consumo das famílias, o crédito para pessoa física, evoluiu positivamente ao longo de 2009 em resposta às melhorias no mercado de trabalho e ao aumento da confiança do consumidor. No acumulado de janeiro a outubro, as concessões de crédito a pessoa física somaram R\$ 539,8 bilhões, equivalente a um aumento de 6,5% na comparação com igual período do ano anterior.

Do ponto de vista dos investimentos, as perspectivas também são otimistas. Apesar da forte queda no início do ano, o ritmo de crescimento do consumo aparente de máquinas e equipamentos de janeiro a setembro de 2009 (27%) foi bastante superior ao realizado no mesmo período em 2008 (11%). O câmbio apreciado e as baixas taxas de juros reais reduzem o custo de aquisição e financiamento dos bens de

capital, aumentando assim as taxas de retorno futuras. Os incentivos do governo no fomento aos investimentos através do BNDES também contribuíram para este resultado.

Além disso, a retomada da ampliação da capacidade produtiva do país reflete a confiança do empresariado brasileiro quanto ao futuro, principalmente em relação ao crescimento futuro da demanda, tal como apontado pela Sondagem Industrial Geral da Fundação Getúlio Vargas.

### Gráfico 7 | Consumo Aparente de Máquinas e Equipamentos e Confiança do Empresário Industrial



Fonte: Ipeadata/IPEA, Fundação Getúlio Vargas  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Em 2009, o país apresentou resultados fiscais menos expressivos. No acumulado até outubro, o resultado primário foi superavitário em R\$ 51,5 bilhões (2,06% do PIB), 3,28 p.p. inferior ao registrado no mesmo período de 2008, refletindo a queda na arrecadação acumulada no ano, afetada, sobretudo, pelo efeito da crise financeira internacional sobre o nível de atividade. No acumulado em doze meses, o superávit primário alcançou R\$ 29,7 bilhões (1% do PIB).

Quando se consideram as despesas com juros, o resultado nominal mostrou um déficit de R\$ 88,3 bilhões (3,53% do PIB), elevando-se 3,21 p.p. em relação ao mesmo período de 2008. No acumulado em doze meses, o resultado nominal foi deficitário em R\$137,9 bilhões (4,61% do PIB).

Observando a evolução dos gastos do governo federal nos 10 primeiros meses do ano na comparação com o mesmo período de 2008, percebe-se que, apesar de um ligeiro aumento nos investimentos, a maior parte dos novos gastos foi alocada em pessoal, custeio e previdência. O montante total cresceu significativamente, cerca de R\$ 64,5 bilhões, mas apenas R\$ 3,9 bilhões foram alocados em investimentos. Na participação de cada uma das contas também se observa que não ocorreram mudanças relevantes no gasto. O percentual de investimentos sobre o total de gastos continua praticamente constante.

**Tabela 4 | Gastos do Governo Central - Contas Selecionadas**

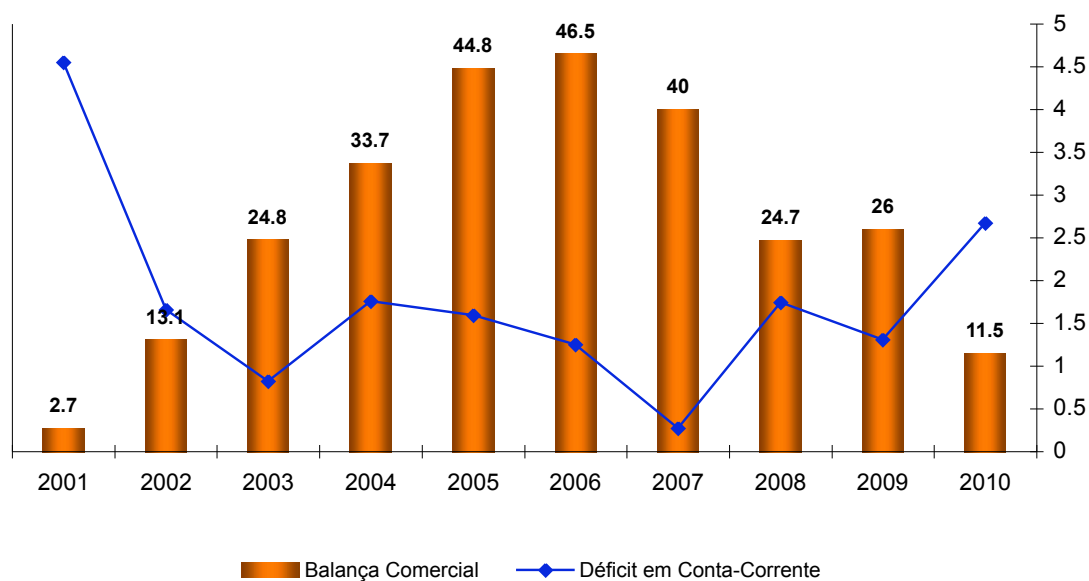
	Jan/out 08		Jan/Out 09	
	R\$ bilhões	%	R\$ bilhões	%
Investimentos	20	5,1	23,9	5,2
Pessoal	102,5	26,2	121,4	26,6
Custeio	71,4	18,2	84,5	18,5
Previdência	160,5	41	181,1	39,7
Outras	44,2	11,3	45,5	10
Total	391,9	100	456,4	100

Fonte: Tesouro Nacional  
Elaboração Gerência de Economia e Finanças

Essa opção de política fiscal desqualifica o atual aumento do gasto como uma opção de política contracíclica. Melhor seria se parcela maior de recursos fosse alocada para investimentos ao invés de gastos de custeio. Ao longo do tempo, com a recuperação da economia e o fim da necessidade de incentivos fiscais, esses novos gastos persistirão, afetando negativamente o potencial de crescimento de longo prazo do país. A forte alta nos gastos correntes (como pessoal, aposentadorias, custeio da máquina) tira espaço para uma elevação mais significativa do investimento. Em 2008, o governo federal investiu o equivalente a 0,97% do Produto Interno Bruto (PIB), pouco mais de 5% de todo o investimento realizado na economia que totalizou 19% do PIB. Neste ano, os investimentos federais devem responder por uma fatia maior do total investido no país, ainda que os gastos do governo devam continuar próximos a 1% do PIB.

No que diz respeito ao setor externo, segundo os últimos números do Banco Central (dados até outubro), o balanço de pagamentos registrou superávit de US\$ 38,3 bilhões até outubro. A conta capital e financeira apresentou superávit de US\$ 52,2 bilhões e as transações correntes, déficit de US\$ 14,8 bilhões, equivalentes a 1,1% do PIB. Na balança comercial, com dados já disponíveis para o período de janeiro a novembro, as exportações totalizaram US\$ 138,5 bilhões, volume 24,7% inferior ao registrado em igual período de 2008. Na mesma base de comparação, as importações decresceram 28,6%. Para o ano de 2010, a expectativa é de que o saldo nas contas correntes registre um déficit de 2,2% do PIB.

**Gráfico 8 | Balança Comercial (em US\$ bilhões) e Saldo nas Transações Correntes (em % do PIB)**



Fonte: Banco Central do Brasil  
Elaboração Gerência de Economia e Finanças

**Tabela 5 | Projeções para 2009 e 2010**

Variável	2009	2010
PIB Mundial (crescimento %)	-1,0	3,1
PIB Brasil (crescimento %)	0,2	5,5
PIB Minas Gerais (crescimento %)	-0,5	5,5
Formação Bruta de Capital Fixo (%)	-13,0	14,8
Produção Industrial Brasil (crescimento %)	-7,4	9,5
Produção Industrial Minas Gerais (crescimento %)	-13,0	12,6
Faturamento Industrial Minas Gerais (crescimento %)	-7,3	16,3
Exportações Brasileiras (US\$ bilhões)	153,3	188,7
Exportações de Minas Gerais (US\$ bilhões)	19,5	25,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$ - fim de período)	1,70	1,75
Taxa de Câmbio (R\$/US\$ - média)	1,98	1,74
IPCA (%a.a.)	4,25	4,45
Selic Nominal (%a.a.)	8,75	10,50
Selic Real (%a.a.)	4,12	5,7
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	44,6	42,3

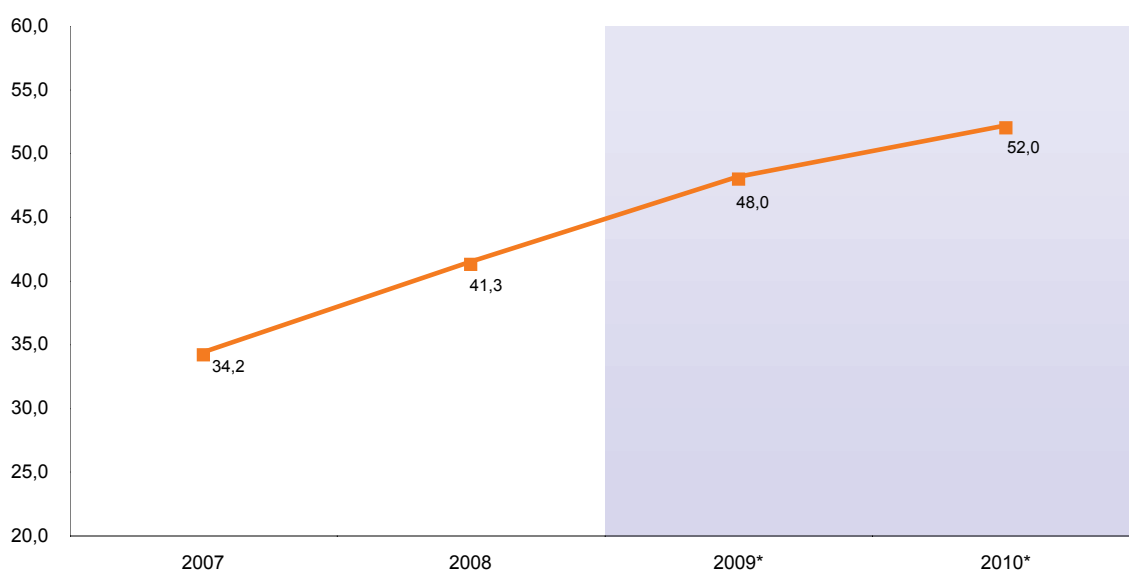
Fonte: FIEMG, FMI, Tendências Consultoria e Boletim Focus do Banco Central do Brasil.  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## Informações sobre o Crédito em 2009

A relação Crédito/PIB cresceu 7,1 p.p de 2007 para 2008. Para 2009, deverá fechar em 48% e atingir a marca histórica de 52% em 2010, segundo projeções do Bradesco. A comparação internacional mostra que ainda há espaço para crescimento. Em países como EUA, Espanha e Inglaterra, a relação Crédito/PIB é de 187%, 170% e 155% respectivamente (dados de março/08). No Chile, chegou a 78% em dezembro de 2008.

Contudo, a relação crédito/PIB no Brasil não é tão pequena quando se analisa a composição desses créditos. A maior possibilidade de expansão está no financiamento imobiliário que responde aproximadamente por apenas 3% do PIB, ao passo que em outros países essa relação chega a quase metade dos empréstimos.

**Gráfico 9 | Volume de Crédito em relação ao PIB (em %)**



\* Previsão

Fonte: Banco Central

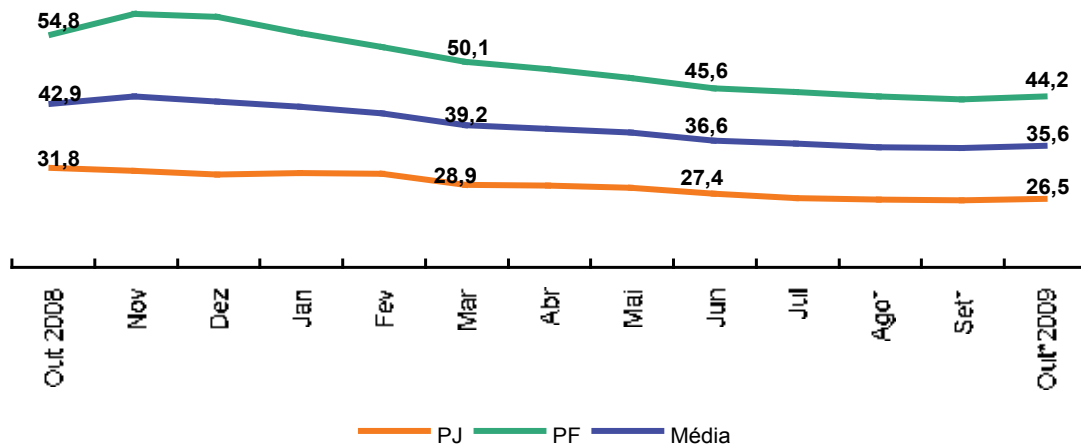
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

As operações de crédito do sistema financeiro no ano de 2009 retratam a recuperação gradual da atividade econômica. A retomada foi mais acelerada nas operações para pessoa física, mas na pessoa jurídica, também há sinais de retomada. O *spread* bancário vem reduzindo desde janeiro, embora permaneçam ainda muito elevados. A inadimplência alcançou o maior nível desde 2001 para pessoa jurídica e o saldo total do volume de crédito acumula crescimento no ano.

Segundo dados do Banco Central, a taxa de juros média cobrada pelos bancos apresenta queda acumulada de 7,7 pontos percentuais no período de janeiro a outubro de 2009. Para pessoa jurídica, a taxa de juros

acumula queda de 4,2 pontos percentuais no ano e para pessoa física, queda de 13,7 p.p. A incorporação das expectativas de uma elevação da taxa de juros em 2010 elevou as taxas de juros no mês de outubro. Contudo, a perspectiva na redução da inadimplência e, conseqüentemente, do *spread* bancário não sugere alteração na tendência de queda dos juros.

**Gráfico 10 | Evolução da taxa de juros cobrada pelos bancos (em % a.a)**



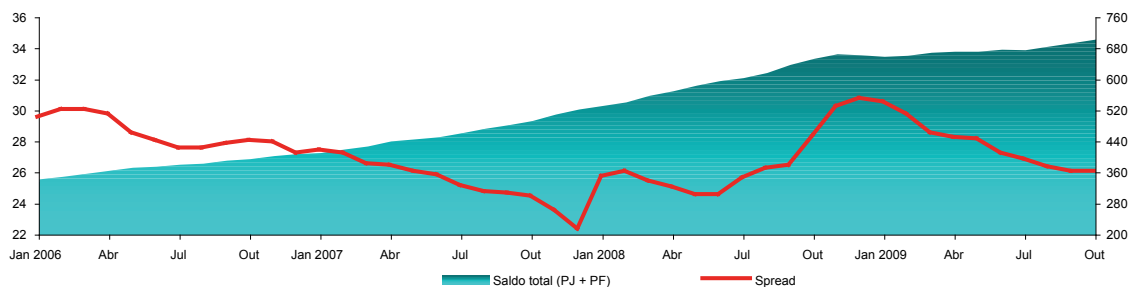
\* Dados preliminares

Fonte: Banco Central do Brasil

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

O *spread* bancário, ou seja, a diferença entre a taxa de captação paga pelos bancos e a taxa cobrada dos clientes nos empréstimos, apresenta trajetória de queda desde janeiro de 2009, momento de maior retração no mercado de crédito. Na categoria pessoa física o *spread* acumula queda de 11,5 p.p no período de janeiro a outubro de 2009. Na pessoa jurídica apresenta maior oscilação, acumulando queda de 0,7 p.p no ano de 2009. O gráfico a seguir apresenta a comparação do *spread* com o saldo do volume de crédito. Apesar de ainda ser considerado alto, o *spread* segue em redução desde janeiro. Já o volume de crédito apresenta trajetória crescente.

**Gráfico 11 | Spread x Volume de crédito**

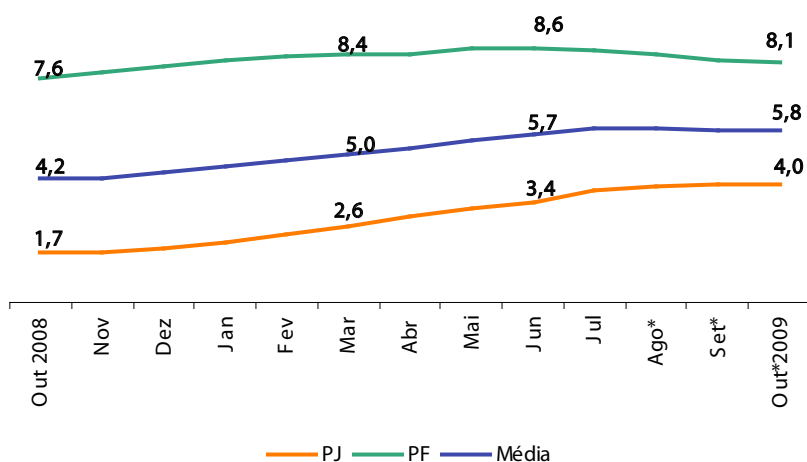


Fonte: Banco Central do Brasil

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

A inadimplência média, considerando os atrasos acima de 90 dias, apresenta alta ao longo do ano. Na pessoa jurídica, alcançou a maior taxa desde 2001, chegando a 4% das operações em outubro. No acumulado do ano, a inadimplência apresenta alta de 2,2 p.p para pessoa jurídica e 0,1 p.p para pessoa física.

**Gráfico 12 | Inadimplência acima de 90 dias - (em % do volume total de financiamentos)**



\*Dados preliminares

Fonte: Banco Central do Brasil

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

As concessões de crédito mensais acumuladas apresentaram queda de 14,3% para pessoa jurídica no período de janeiro a outubro de 2009. Para pessoa física as concessões aumentaram 16,2% no mesmo período. A recuperação mais rápida no crédito à pessoa física está relacionada à situação favorável do mercado de trabalho em 2009 com o crescimento de 3,64% no nível de emprego e, por conseguinte, na massa salarial, aumentando o nível de confiança do consumidor e a propensão a consumir e financiar-se. Por outro lado, o crédito às empresas acompanha a trajetória de retomada lenta e gradual observada na atividade industrial.

O saldo das operações de crédito com recursos livres e direcionados apresentou um aumento de 11,4% no período de janeiro a outubro, alcançando um total de R\$ 1.366,9 bilhões em outubro de 2009. Os repasses diretos do BNDES aumentaram 1,5% em outubro de 2009 em comparação ao mesmo mês de 2008 e 35,3% no acumulado de janeiro a outubro de 2009. O crédito para habitação cresceu 1,4% em relação a outubro do ano passado e 35,7% no acumulado de 2009.

**Tabela 6 | Saldo de Operações de Crédito com recursos livres e direcionados - volume em R\$ milhões**

Operações de Crédito	out/08	out/09	Variação % out/09 / out/08	Var. % Acumulada jan-out/09
Total Geral	1.185.143	1.366.935	1,2	11,4
Com recursos direcionados	336.805	435.895	1,3	22,4
BNDES	194.452	261.878	1,3	25,1
Direto	98.159	145.741	1,5	35,3
Repasses	96.292	116.136	1,2	14,4
Rural	77.488	82.921	1,1	5,9
Habituação	56.495	81.043	1,4	35,7
Outros	8.370	10.053	1,2	13,7
Com recursos livres	848.338	931.040	1,1	6,9
Pessoa Física	391.161	457.486	1,2	16,0
Pessoa Jurídica	457.177	473.554	1,0	-0,7

Fonte: Banco Central do Brasil  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Os bancos públicos e privados nacionais vêm aumentando a participação no mercado de crédito. A participação dos bancos públicos no mercado de crédito chegou a 40,7% no mês de outubro e dos bancos privados nacionais a 40,8%. A participação dos bancos estrangeiros reduziu de 21,4% em outubro de 2008 para 18,5% em outubro de 2009.

Para o ano de 2010, com a retomada dos investimentos por parte do setor industrial, espera-se uma recuperação do crédito para pessoa jurídica seguido de queda na inadimplência.

### **Boxe 1 | O crédito de curto prazo para a indústria e as novas modalidades de financiamento**

A dificuldade na obtenção de crédito, em particular crédito de curto prazo, é constantemente destacada pelo empresariado mineiro como um dos principais entraves ao desenvolvimento de seus negócios. A Sondagem Industrial realizada pela FIEMG, no segundo trimestre de 2009, detalha aspectos importantes do financiamento de curto prazo nas empresas mineiras. Das 216 empresas consultadas, 54% das pequenas e médias e 60% das grandes empresas utilizam capital de curto prazo para financiar suas atividades. A seguir, listamos alguns dos principais resultados.

**Agentes Financeiros** – Os bancos privados nacionais são os principais provedores de crédito de curto prazo às empresas industriais mineiras, tal como apontado por 56,3% das empresas pesquisadas. Entre as grandes empresas, 85,7% tiveram os bancos privados nacionais como principal agente financeiro para esta operação.

**Instituições financeiras consultadas** - Antes de assinar um contrato de empréstimo, 53,2% das empresas consultam em média três ou mais agentes financeiros. Mas são as grandes empresas que despendem maiores esforços na busca por melhores condições de financiamento. Entre as grandes empresas, 92,9% consultam em média três ou mais agentes financeiros, percentual bem superior ao verificado entre as pequenas e médias (47,4%).

**Instrumentos de crédito** - 60,7% delas destacaram a conta garantida como principal instrumento utilizado. Na análise por porte, a maior utilização da conta garantida/cheque especial se dá pelas pequenas e médias empresas, conforme destacaram 61,9% das empresas pesquisadas. A baixa burocracia, aliada à agilidade de todo o processo, torna esta modalidade atraente para as pequenas e médias empresas. Contudo, é a modalidade com maior taxa de juros, conforme levantamento do Banco Central.

**Finalidades das Operações** - Dentre as empresas que recorrem ao financiamento de curto prazo, 80,5% apontaram a necessidade de cobrir as despesas correntes como a principal finalidade da obtenção do crédito. Em seguida, aparece a compra de matérias-primas (39,8%) e o pagamento de obrigações fiscais e previdenciárias (28,3%).

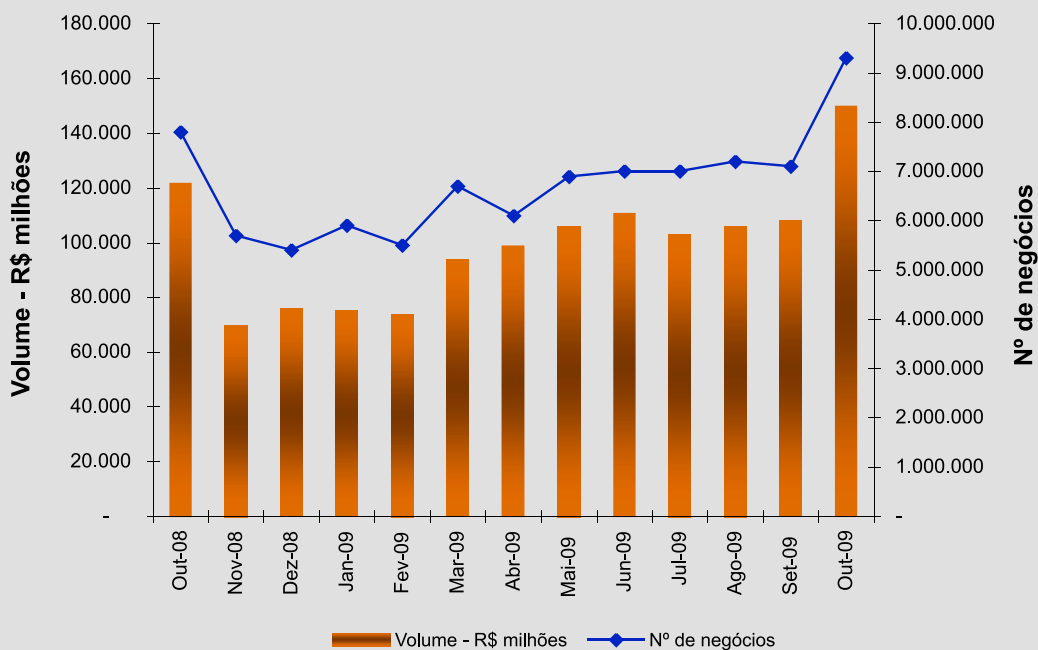
**Principais dificuldades para acesso ao crédito** - Independentemente do porte das empresas, a maior queixa das empresas foi a exigência de garantias reais, segundo 52,5% das empresas que recorrem ao crédito de curto prazo. A exigência de documentos e renovação de cadastro ficou em seguida, destacada por 43,6% das empresas.

Tendo em vista as dificuldades de obtenção de financiamento junto às instituições financeiras em condições adequadas de prazo, taxas e demais exigências, as empresas passaram a procurar novas formas de financiamento no mercado financeiro e de capitais. A busca por financiamentos por meio do desconto de recebíveis futuros seja através de CCB (Cédula de Crédito Bancário), CCI (Cédula de Crédito Imobiliário), CRI (Cédula de Recebível Imobiliário) ou FIDC (Fundo de Investimento em Direitos Creditórios), com taxas de descontos mais atrativas do que as obtidas pelos meios tradicionais vêm crescendo no ambiente empresarial. Estes instrumentos constituem diferentes formas de captação de recursos, em geral, mais vantajosas se comparadas aos financiamentos bancários, tanto para o tomador do crédito quanto para o investidor, principalmente, com a atual redução observada na taxa básica de juros (Selic). Foi através desta constatação que a FIEMG passou a destacar este assunto em suas reuniões com o empresariado mineiro, colocando em estudo a estruturação de um FIDC para o setor industrial. Regulamentado pela Instrução CVM nº 356/01, o Fundo de Investimento em Direitos Creditórios - FIDC é uma comunhão de recursos que destina parcela preponderante de seu patrimônio líquido para aplicação em direitos creditórios. Os direitos creditórios, principal ativo das carteiras de FIDC, são direitos e títulos representativos de crédito, originários de operações realizadas nos segmentos financeiro, comercial, industrial, imobiliário, de hipotecas, de arrendamento mercantil e de prestação de serviços.

## Boxe 2 | Informações sobre o Mercado de Capitais em 2009

No período de janeiro a outubro de 2009 a BM&FBOVESPA acumulou um volume total de R\$ 468,6 bilhões negociados no mercado à vista. Em comparação ao mesmo período de 2008 houve queda de 27% no volume negociado. Em contrapartida, o número de negócios aumentou.

Gráfico 13 | Volume e Número de negócios na BM&FBOVESPA

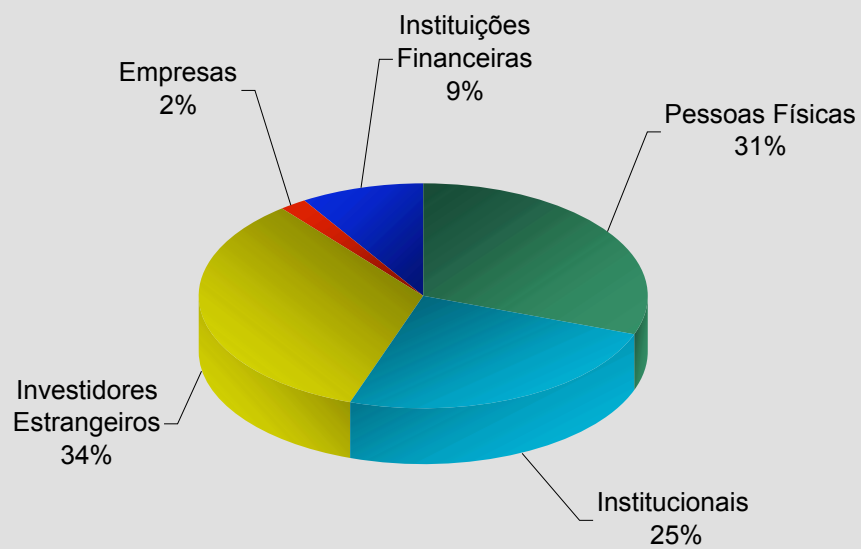


Fonte: BM&FBOVESPA  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Em 2009, o banco Santander foi responsável pela única oferta primária de ações na BM&FBOVESPA, captando o maior volume de todos os lançamentos de ações já ocorridos no Brasil, R\$ 12,3 bilhões. Portanto, não houve listagem de nenhuma empresa mineira em 2009. As demais ofertas secundárias de ações somaram R\$ 9,7 bilhões.

A participação de investidores pessoas físicas vem crescendo ao longo do ano e já domina 31% dos negócios na bolsa. A maior parte dos investidores ainda se concentra nos investidores institucionais e estrangeiros com 58% de participação. O investimento em ações passou a ser visto como uma alternativa mais lucrativa do que as aplicações financeiras atreladas à taxa básica de juros (Selic). Abaixo, gráfico da representação dos investidores no mercado à vista da BM&FBOVESPA.

**Gráfico 14 | Participação dos investidores no mercado à vista - outubro de 2009**



Fonte: BM&FBOVESPA  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## ***ECONOMIA MINEIRA***

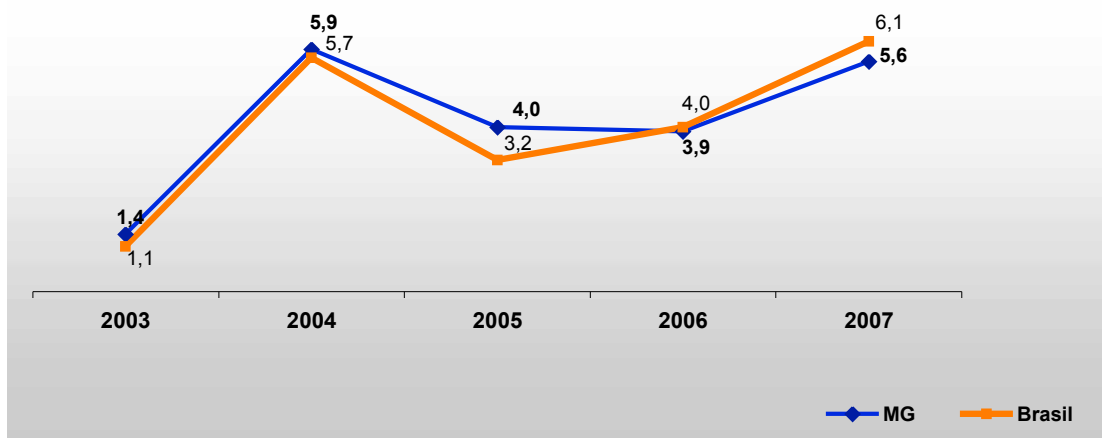
### **Produto Interno Bruto**

Após crescer acima da média no ano de 2008, 6,1% contra 5,1% no país, em 2009 o PIB de Minas Gerais deverá ter uma retração de 0,5%. A previsão para 2010 é de que a economia volte a crescer no ritmo previsto para o restante do país em 5,5%.

Dados preliminares da Fundação João Pinheiro, referentes ao primeiro e segundo trimestre de 2009, mostram que a economia mineira apresentou retração de 5,3% e 4,8% na comparação com os mesmos períodos de 2008. O principal motivo do recuo foi a crise mundial, que afetou principalmente as exportações do estado. Foram os primeiros resultados negativos desde 2003, depois de seis anos de taxas positivas e, em boa parte, superiores ao desempenho da economia brasileira.

Ainda segundo o último levantamento da Fundação João Pinheiro, o PIB de Minas Gerais é estimado em R\$ 241 bilhões, em valores correntes de 2007. Esse valor equivale a uma participação de 9,1% no país.

**Gráfico 15 | Crescimento do PIB - Minas Gerais e Brasil 2003 a 2009 em %**



Fonte: IBGE, Fundação João Pinheiro  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Os setores que determinaram o resultado negativo verificado no PIB mineiro até o 2º trimestre de 2009 foram o agropecuário e, principalmente, o industrial. Na indústria, a queda recorde de 16,4% no valor adicionado (PIB) acumulado do 1º semestre 2009 é explicada pelos resultados negativos observados na indústria extrativa e metalurgia básica, afetados especialmente pela retração do mercado externo, e, no caso do setor de máquinas e equipamentos, pelo adiamento nas decisões de investimentos observadas no primeiro semestre 2009. O segmento de veículos automotores também sofreu queda na produção por conta da retração no crédito ao consumo na maior parte deste período.

Já o setor de serviços cresceu 2,1% no segundo trimestre de 2009, em relação ao mesmo período do ano anterior, conforme levantamento da Fundação João Pinheiro. Também no primeiro trimestre de 2009 este setor, de maior peso na economia mineira em termos de participação no PIB (59,8%), já havia apresentado crescimento de 2,1%. Este crescimento verificado tende a elevar-se no terceiro e quarto trimestre de 2009, tornando o setor de serviços o principal responsável pela amenização na queda estimada para o PIB mineiro em 2009.

**Tabela 7 | Taxas de crescimento do valor adicionado (VA), segundo setores de atividade econômica Minas Gerais e Brasil – 2008, 2009 (%)**

	Trimestral <sup>(1)</sup>				Acumulada no ano <sup>(2)</sup>			
	2008		2009		2008		2009	
	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.
<b>Minas Gerais</b>	8,6	-1,5	-3,7	-4,1	8	5,6	-3,7	-3,9
Agropecuário	22,2	-12,5	10	-1,6	19,5	15,1	10	1,9
Industrial	8,2	-5,4	-17,9	-15	7,2	4	-17,9	-16,4
Serviços	5,4	2,7	2,1	2,1	5,8	5	2,1	2,1
<b>Brasil</b>	6,3	1	-1,5	-0,9	5,9	4,7	-1,5	-1,2
Agropecuário	6,4	2,2	-1,6	-4,2	6,7	5,8	-1,6	-3
Industrial	7,1	-2,1	-9,3	-7,9	6,5	4,3	-9,3	-8,6
Serviços	5,9	2,5	1,7	2,4	5,5	4,8	1,7	2,1

Fontes: Fundação João Pinheiro (FJP), IBGE

(1) Compara o trimestre de referência a igual trimestre do ano anterior.

(2) Compara o resultado acumulado no ano até o trimestre de referência com igual período do ano anterior.

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## Comércio Exterior

O comércio exterior de Minas Gerais sentiu bastante o impacto da crise econômica iniciada em setembro de 2008. Mesmo após um ano e com a economia interna em plena recuperação a severidade da contração econômica ainda tem reflexos no setor exportador.

Entre janeiro e outubro de 2009 as exportações de Minas somaram US\$ 16 bilhões, com declínio de 24,6% em relação ao mesmo período de 2008. No ano, a expectativa é de que as exportações mineiras totalizem US\$ 19 bilhões, gerando queda esperada de 21,9 % em relação a 2008. Apesar disso, o resultado é superior ao obtido em 2007 e assegura o segundo melhor desempenho nas exportações do estado em toda a história.

A queda brusca das exportações mineiras é explicada pela redução na demanda internacional pelos produtos do setor extrativo mineral e da indústria metalúrgica, ambas com participações expressivas na pauta de exportação do estado.

Setores tais como o mineral e metalúrgico foram uns dos mais abalados. O último, que responde por 17,6% do total, teve suas exportações reduzidas em 52,7%. Por outro lado, as vendas relacionadas a instrumentos de precisão e médicos, pedras preciosas e agroalimentos tiveram aumento de 14,5%, 13,6% e 2% respectivamente.

A Ásia foi a região que mais adquiriu produtos mineiros, elevando sua participação de 33,7% para 39,4% no total das exportações, porém, as vendas para este mercado declinaram 12% entre janeiro e outubro deste ano em relação ao mesmo período de 2008. A participação das vendas para a América do Sul (Mercosul e Comunidade Andina) que representava 11,6% passou para 9,5%, enquanto o NAFTA e a União Europeia reduziram sua fatia no total das vendas externas. Para o NAFTA a queda foi de 12,6% para 8% do total e a União Europeia passou de 29,9% para 26,4%.

A China manteve a posição de maior país comprador em valores de Minas Gerais, absorvendo 25% das exportações, seguido pela Alemanha e os Estados Unidos. A expectativa é de que em 2009 as exportações mineiras totalizem US\$ 19,5 bilhões e, no ano de 2010, R\$ 25 bilhões.

**Tabela 8 | Exportações e Importações de Minas Gerais – Jan-Out 2009/2008 (em US\$ Milhões)**  
**Destino, Origem, Variação e Participação (em%)**

Exportação						Importação					
País	Jan/Out -2009		Jan-Out – 2008			País	2009		2008		
	US\$ Milhões	Part. %	US\$ Milhões	Part. %	Var. %		US\$ Milhões	Part. %	US\$ Milhões	Part. %	Var. %
China	3.996	25	3.688	17,4	8,3	Estados Unidos	1.001	16,6	1.261	14,3	-20,6
Alemanha	1.216	7,6	2.127	10,0	-42,8	Argentina	890	14,7	908	10,3	-1,9
Suíça	1.104	6,9	74	0,4	1491,8	Alemanha	751	12,4	1.041	11,8	-27,9
Estados unidos	1.042	6,5	2.212	10,4	-52,8	China	625	10,4	1.060	12,0	-40,9
Japão	968	6,1	1.291	6,1	-25,0	Itália	490	8,1	809	9,2	-39,5
Argentina	914	5,7	1.453	6,8	-37,0	Japão	227	3,7	219	2,5	3,6
Reino Unido	715	4,5	543	2,5	31,7	França	208	3,4	244	2,7	-14,4
Holanda	605	3,8	929	4,4	-34,8	Canadá	196	3,2	496	5,6	-60,4
Itália	444	2,8	761	3,6	-41,7	Rússia	165	2,7	343	3,9	-51,9
Coreia do sul	384	2,4	599	2,8	-35,8	Austrália	161	2,6	197	2,2	-18,1
10 principais destinos	11.389	71,3	13.677	64,5	-16,7	10 principais origens	4.714	78,2	6.576	75	-28,3
Total	15.985	100	21.188	100	-24,6	Total	6.031	100	8.812	100	-31,5

Fonte: MDIC, 2009  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças





## **INDÚSTRIA MINEIRA**

### **Produção Física**

Apesar da queda registrada no acumulado de janeiro a outubro, o ano de 2009 foi de recuperação da atividade industrial. Segundo o IBGE, o indicador de produção física apresentou incremento nos dez meses do ano, quando se compara o desempenho do mês com o imediatamente anterior.

**Tabela 10 | Produção Física (Var.%)**

Ano	Minas Gerais	Brasil
2007	8,6	6,1
2008	1,6	3,1
2009*	-17,6	-10,7

\*Acumulado até outubro  
Projeção: Nov-Dez de 2009  
Fonte: MDIC, 2009  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

No indicador acumulado entre janeiro e outubro, os setores de Metalurgia Básica, Extrativo Mineral e de Veículos Automotores foram os que mais contribuíram para a retração de 17,6% na taxa global de Minas Gerais.



atingir os níveis pré-crise ao final de 2010. Estimativas da Tendências Setoriais prevêem crescimento de 18% nas vendas físicas de aço ao mercado externo em 2010 frente a 2009. Com isso, os preços do metal também devem seguir em gradual e lenta ascensão. No mercado interno, o setor deve seguir em recuperação puxado pela construção civil, indústria automobilística e o setor de bens de capital. A produção total nacional deve atingir 34 milhões de toneladas em 2010, com crescimento de 24,5% sobre 2009.

Na indústria extrativa mineral, a demanda nacional e mundial por minério de ferro é compatível com o desempenho da indústria siderúrgica, por isso o setor passou por grave crise em 2009, tanto em relação à quantidade produzida e exportada quanto em termos do valor do faturamento verificado. O processo de recuperação, entretanto, já é claro puxado essencialmente pelo consumo da China e o consumo da siderurgia nacional. De janeiro a agosto 2009, as exportações brasileiras de minério de ferro para o mercado chinês cresceram 32%, ajudando a compensar as reduções nas vendas ao Japão, Coreia do Sul e União Europeia. Para 2010, a Tendências projeta crescimento de 19% na demanda por minério, sendo 18% nas exportações e 25% na produção voltada ao mercado interno. A produção de metais não ferrosos (alumínio, cobre, níquel) segue a mesma trajetória ascendente, em linha com a retomada na demanda.

Além destes dois setores estratégicos para a economia mineira, que juntos respondem por quase 40% do valor da transformação industrial mineira, projeções setoriais diversas do mercado sinalizam para o crescimento da indústria de material de transportes, bens de capital, alimentos e construção em 2010. São setores relevantes da economia mineira que alicerçam a perspectiva apontada para o crescimento da indústria em 2010.

As projeções da produção física são uma queda de 13,0% em 2009 e um aumento de 12,6% em 2010.

## **Faturamento**

Embora o faturamento real da indústria de transformação de Minas Gerais tenha aferido retração de 10,9% no acumulado do ano até outubro, os índices já mostram recuperação, voltando a operar em patamares similares aos de 2007, conforme mostra o Gráfico 17. O indicador nacional também apontou retomada do aquecimento na atividade industrial ao longo de 2009. As medidas tomadas pelo governo, como a redução do IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados, e da taxa básica de juros - SELIC, incentivaram o consumo no mercado interno, favorecendo a recuperação de alguns setores como Veículos Automotores e Máquinas e Equipamentos.

**Tabela 11 | Faturamento Indústria de Transformação (Var. %)**

Ano	Minas Gerais	Brasil
2007	11,1	5,4
2008	12,4	5,4
2009*	-10,9	-7,1

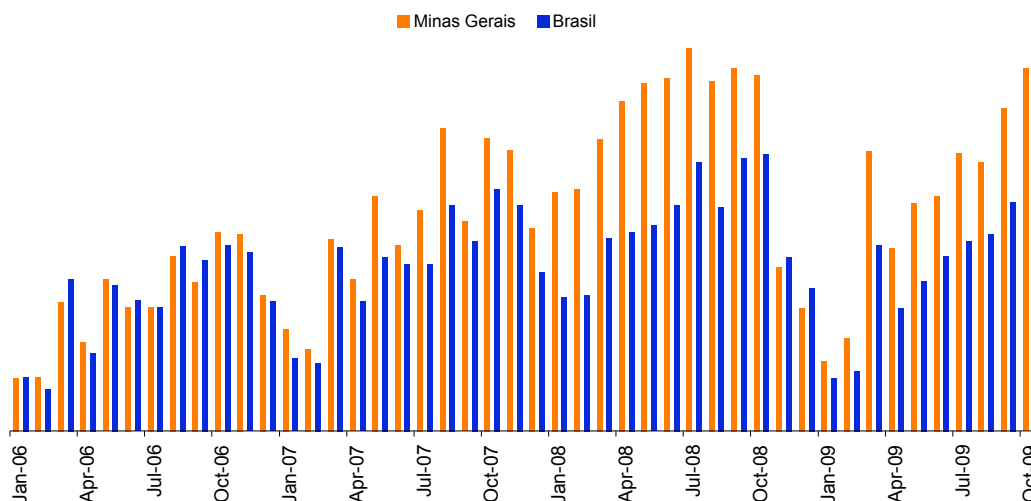
\*Acumulado até outubro

Fonte: Pesquisas Indicadores Industriais – FIEMG/CNI

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Os primeiros três meses do ano foram o período em que a indústria mineira mais sentiu os efeitos da crise econômica, entretanto, a retomada do crescimento veio já no segundo trimestre, quando o faturamento real cresceu 10,0%, comparativamente aos meses entre janeiro e março, demonstrando que os efeitos perversos da crise já estavam se dissipando. O terceiro trimestre de 2009 registrou índices ainda mais animadores, com elevação de 10,0% em relação ao período entre abril e junho. A retomada do crescimento industrial foi sentida de forma homogênea entre os setores, uma vez que entre os quinze pesquisados, apenas dois (Couro e Calçados e Produtos de Metal) apresentaram recuo no faturamento no terceiro trimestre de 2009, comparativamente ao segundo.

**Gráfico 18 | Faturamento Minas Gerais e Brasil Índice mensal 2006 = 100**



Fonte: Pesquisa Indicadores Industriais – FIEMG/CNI

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

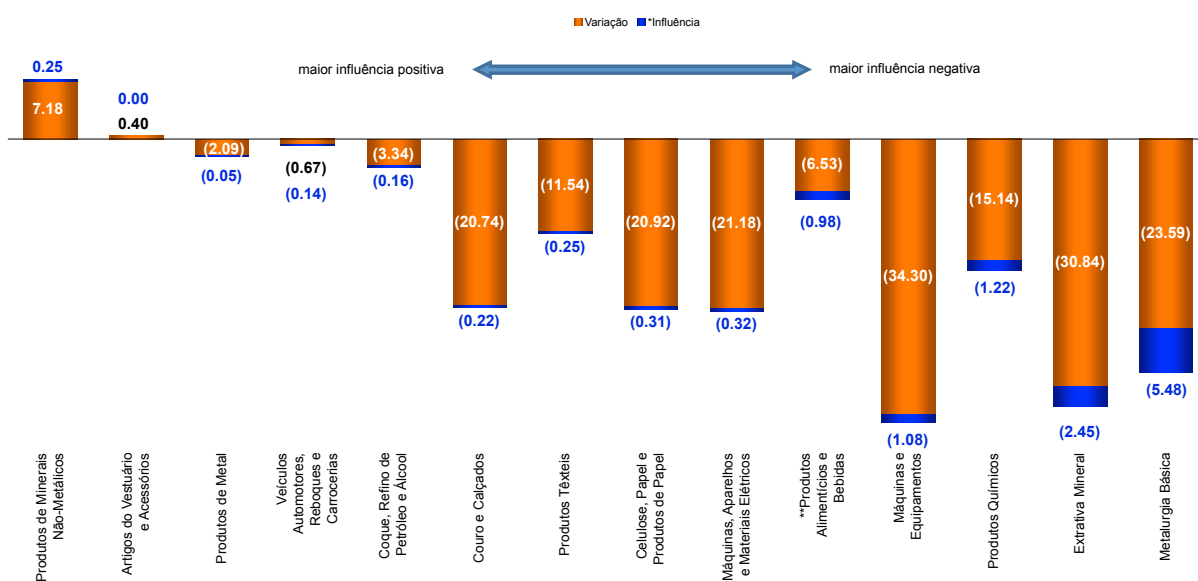
## Destaques

- A indústria geral de Minas Gerais (transformação + extrativa) aferiu queda de 12,5% no acumulado dos primeiros dez meses de 2009.
- A indústria extrativa apresentou recuo de 30,8% nas vendas reais, consequência da queda na de-

manda e no preço do minério de ferro, especialmente no mercado internacional.

- Apesar de grande parte dos setores apresentarem recuo no acumulado do faturamento de 2009 em relação a 2008, a intensidade da queda foi amenizada ao longo do ano.
- As maiores reduções ocorreram nos setores de Máquinas e Equipamentos (-34,3%), Extrativo Mineral (-30,8) e Metalurgia Básica (-23,6%).
- No tocante a Máquinas e Equipamentos, houve forte impacto negativo da crise sobre as vendas do segmento de máquinas pesadas, dado que é um setor altamente dependente de investimentos e crédito.
- As consequências só não foram maiores em função das medidas tomadas pelo governo, como a redução temporária da cobrança do IPI para 70 itens, e a diminuição no custo do financiamento de bens de capital.
- Os efeitos da crise também atingiram duramente o setor de Metalurgia Básica, devido ao recuo nas vendas para o mercado interno e externo, especialmente nos segmentos de perfis laminados e de sinter, gusa e ferro esponja.
- Os setores que mostraram elevações nas vendas industriais foram: Produtos de Minerais Não Metálicos (7,2%) e Artigos do Vestuário e Acessórios (0,4%).

**Gráfico 19 | Faturamento Real Minas Gerais – Variação (em%) e Influência (em p.p.) acumulada**



\*Influência refere-se à participação do setor no resultado agregado da indústria.

\*\*As influências dos segmentos de Produtos Alimentícios e de Bebidas são calculadas em conjunto, conforme peso médio atribuído ao setor de Produtos Alimentícios e Bebidas da PIA 2003/2004/2005.

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## Emprego Industrial

O pessoal ocupado na indústria de transformação de Minas Gerais e do Brasil apresentou redução no acumulado até outubro de 2009, após cinco anos sucessivos de aumento. Apesar do saldo negativo, o nível

de emprego da indústria mineira permaneceu com resultados melhores do que a média nacional, como mostram os dados aferidos no período.

Os impactos da crise financeira mundial, embora significativos, foram minimizados pelos acordos firmados entre os trabalhadores e as empresas empregadoras, através da concessão de férias coletivas, licenças remuneradas e de reduções temporárias da carga horária, no intuito de evitar um grande número de demissões.

**Tabela 12 | Emprego Indústria de Transformação (Var. %)**

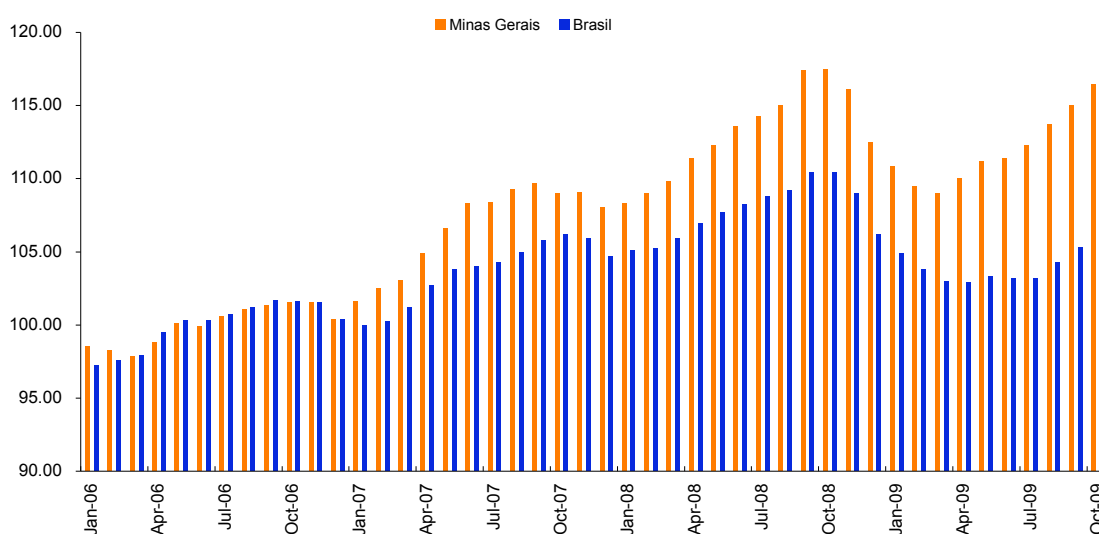
Ano	Minas Gerais	Brasil
2007	6,7	3,7
2008	6	4,0
2009*	-0,8	-3,5

\*Acumulado até outubro

Fonte: Pesquisas Indicadores Industriais – FIEMG / CNI

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

**Gráfico 20 | Emprego Industrial Minas Gerais e Brasil – Índice Mensal**



Fonte: Pesquisa Indicadores Industriais – FIEMG/CNI

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

### **Destaques:**

De janeiro a outubro deste ano, o emprego na indústria de transformação de Minas Gerais retraiu 0,8%, enquanto na indústria brasileira a queda foi de 3,5%.

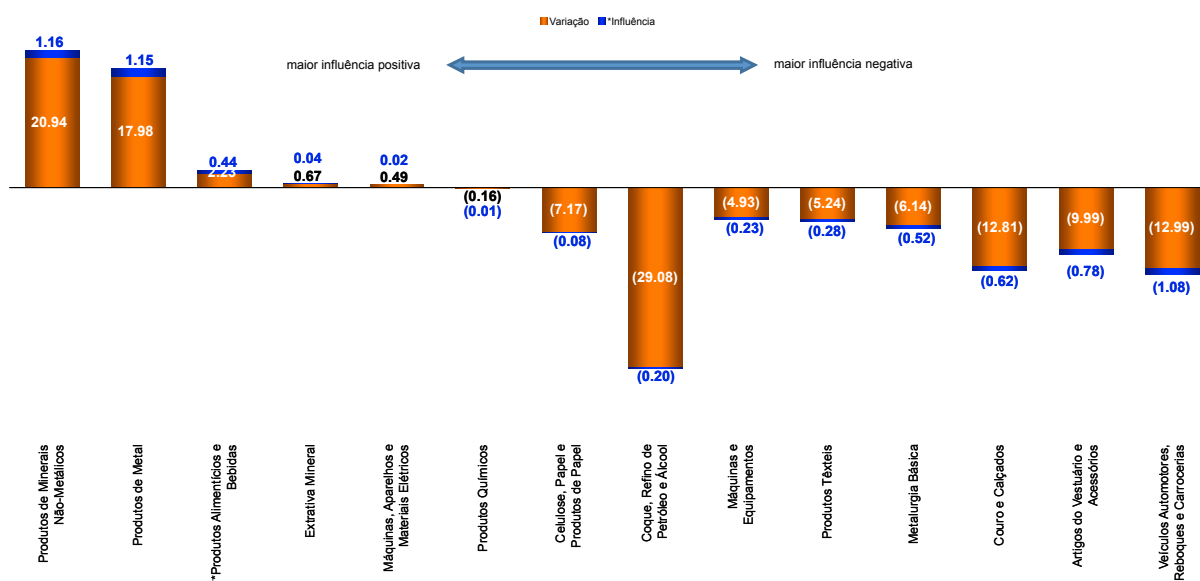
No mesmo período, a indústria extrativa mineral mostrou expansão de 0,7% na variável, e a indústria geral reduziu em 0,7% o pessoal empregado.

Os setores que apresentaram as maiores diminuições nos primeiros dez meses do ano foram: Coque, Refino de Petróleo e Álcool (-29,1%), reflexo, especialmente, da transferência de pessoal de uma importante empresa produtora de álcool para outra do mesmo grupo, pertencente a outro setor de atividade; Veículos Automotores (-13,0%), em virtude da adequação a níveis de produção mais baixos devido à crise; e Couro e Calçados (-12,8%), consequência de reestruturações em empresas, com terceirização de pessoal e automação de processos.

Vale ressaltar que Veículos Automotores, Artigos do Vestuário e Acessórios, assim como Couro e Calçados, foram também os setores responsáveis pelas maiores influências no resultado, com contribuições de -1,1 p.p., -0,8 p.p. e -0,6 p.p. para o agregado da indústria.

Registraram os maiores acréscimos no indicador os setores de Produtos de Minerais Não Metálicos (20,94%), em função do aumento da produção nos segmentos de cimento e de artefatos de concreto, assim como pela implantação de mais um turno de trabalho no segmento de refratários, e de Produtos de Metal (17,98%), em decorrência de reestruturações internas ocorridas em grandes empresas e expansão na produção.

### Gráfico 21| Emprego Minas Gerais – Variação (em%) e Influência (em p.p.) acumulada



Fonte: Pesquisa Indicadores Industriais – FIEMG/CNI

\*Influência refere-se à participação do setor no resultado agregado da indústria.

\*\*As influências dos segmentos de Produtos Alimentícios e de Bebidas são calculadas em conjunto, conforme peso médio atribuído ao setor de Produtos Alimentícios e Bebidas da PIA 2003/2004/2005.

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

### Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI)

Conforme esperado, a indústria mineira apresentou redução na utilização da capacidade instalada média ao longo de 2009. Esse movimento marcou a acomodação da atividade produtiva a patamares mais baixos,



- Além da indústria Extrativa Mineral, os setores de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos (88,8%), Couro e Calçados (88,4%), Artigos do Vestuário e Acessórios (88,3%), Veículos Automotores (85,3%), Máquinas e Equipamentos (84,7%), Celulose, Papel e Produtos de Papel (84,6%), Produtos Têxteis (84,5%), Produtos de Metal (83,8%) e de Produtos de Minerais Não Metálicos (83,8%) apresentaram níveis médios de utilização da capacidade instalada acima da indústria mineira.
- Já os menores níveis de utilização da capacidade instalada médios foram registrados nos setores de Produtos Alimentícios (79,8%), Coque, Refino de Petróleo e Álcool (76,8%), Metalurgia Básica (69,6%) e de Bebidas (69,5%).
- O fato de a indústria mineira ainda estar operando com ociosidade demonstra que há espaço para crescimento da produção no próximo ano.
- As expectativas de aumento na demanda por produtos e na compra de matérias-primas, aliado ao otimismo em relação à economia favorece o ambiente de negócios e investimentos que, por sua vez, pode ampliar a capacidade produtiva sem gerar pressões inflacionárias.

## **Mercado de Trabalho**

O saldo de empregos formais criados na economia mineira até outubro de 2009, embora positivo, foi significativamente inferior ao saldo do mesmo período de 2008. Até outubro, a indústria de transformação em Minas Gerais gerou saldo líquido (admitidos – demitidos) de mais de 8.536 postos de trabalho, mas segundo os dados do Caged/Ministério do Trabalho, houve queda de 86% na geração de novos postos de trabalho na indústria de transformação de Minas Gerais.

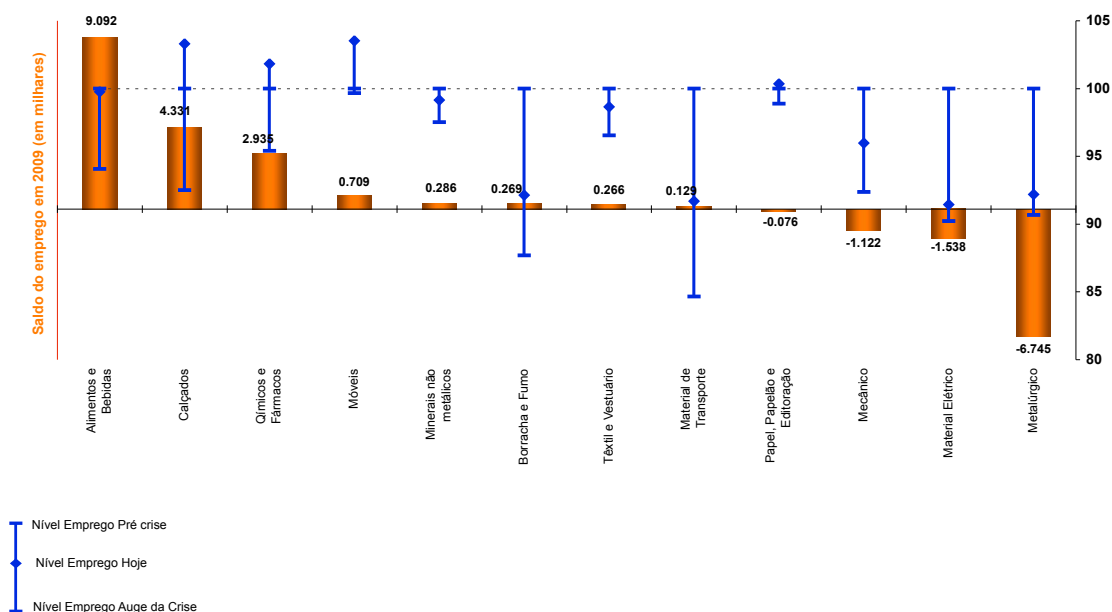
Esse resultado refletiu características da indústria de Minas como, por exemplo, a sua base na cadeia mineral e metalúrgica que a fizeram particularmente mais afetada pela crise internacional.

No entanto, apesar de um crescimento inexpressivo em vista dos períodos anteriores, é importante salientar a evolução recente dos principais indicadores do mercado de trabalho como indicador da recuperação incipiente, indicando a retomada de novo ciclo de crescimento sustentado.

Em vista da queda acentuada no estoque de empregos da indústria de transformação mineira, todos os setores demonstram recuperação em relação ao nível mais crítico observado em março de 2009. Dados do Ministério do Trabalho coletados até outubro revelam que setores tais como calçadista, químico-farmacêutico, moveleiro e papel encontram-se com um nível de estoque maior do que aquele observado no período anterior à crise internacional.

Em relação ao saldo de novos empregos criados até outubro, o setor de alimentos e bebidas teve a maior contribuição positiva, ao passo que o setor metalúrgico continua com saldo negativo nesse período.

**Gráfico 23 | Saldo de empregos e evolução do estoque de empregados antes e depois da crise, por setores da indústria de transformação**



Fonte: CAGED/MTE

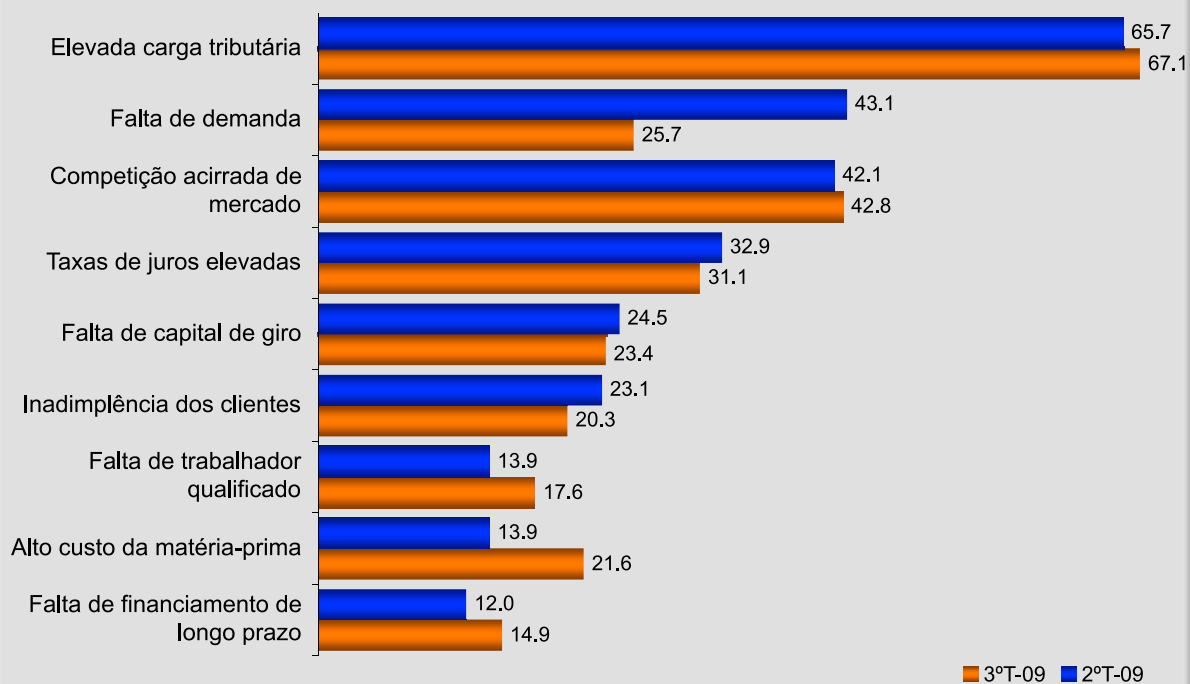
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

### **Boxe 3 | Sondagem Industrial: Executivos de Minas Gerais Mostram Otimismo**

De acordo com a Pesquisa Sondagem Industrial, no terceiro trimestre do ano os índices de produção e emprego apresentaram crescimentos expressivos em relação ao trimestre imediatamente anterior. No mesmo período houve queda nos estoques de produtos finais conforme planejado pelas indústrias mineiras, demonstrando que o ajuste de estoques foi finalizado. Os indicadores financeiros demonstram que os empresários, apesar de em sua maioria estarem satisfeitos com a situação financeira, ainda mostram insatisfação diante da margem de lucro operacional e das condições de acesso ao crédito.

A carga tributária elevada continua sendo o principal entrave ao crescimento das empresas. Já a indicação da falta de demanda perdeu intensidade e o problema caiu duas posições no ranking, cedendo o segundo lugar à competição acirrada de mercado. A elevada taxa de juros também foi lembrada, a despeito dos recentes cortes na taxa básica brasileira.

## Gráfico 24 | Principais Problemas Enfrentados pelas Empresas

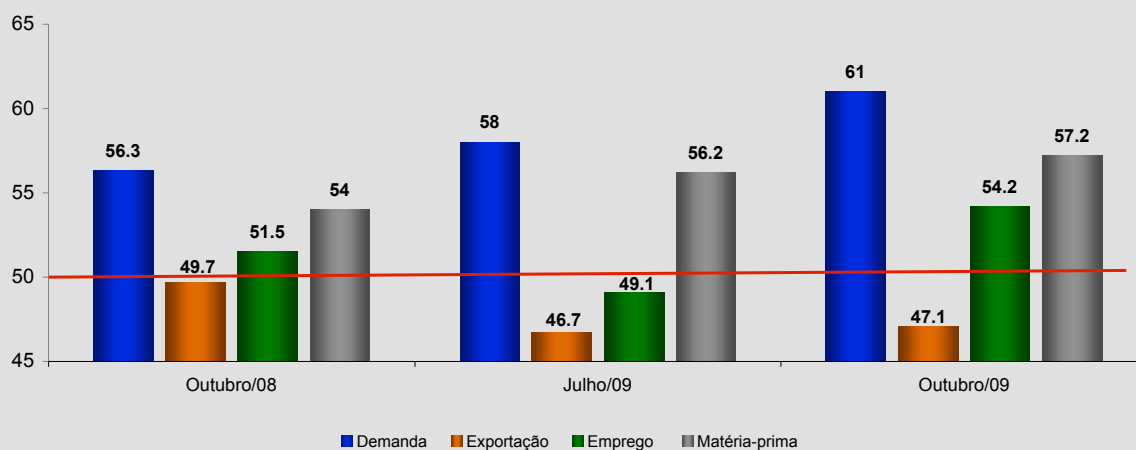


Fonte: Pesquisa Sondagem Industrial – FIEMG  
Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## Expectativas dos empresários para o início de 2010

Os indicadores de expectativa registraram elevado nível de otimismo para o mercado interno. As perspectivas de melhora no ambiente de negócios e na própria empresa favorecem a confiança dos empresários em relação ao aumento da demanda por produtos. Como consequência desse cenário positivo, os empresários preveem uma elevação no emprego e na compra de matéria-prima. O único indicador que aponta expectativa negativa para 2010 está relacionado às exportações. A valorização do Real e a redução na demanda do mercado externo contribuem para esse pessimismo. A pesquisa revela que as médias e grandes empresas são as mais pessimistas em relação às vendas externas para 2010.

**Gráfico 25 | Expectativa dos Empresários**



Indicador varia de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam expectativas positivas.

Fonte: Pesquisa Sondagem Industrial – FIEMG

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

Os resultados do Índice de Confiança do Empresário Industrial de Minas Gerais (ICEI-MG) refletiram o otimismo dos executivos para o último trimestre de 2009 e primeiro trimestre de 2010, apresentando nível recorde. A melhora nas condições atuais de negócio, e nas expectativas dos empresários, promoveu uma elevação na confiança dos industriais mineiros. Após as incertezas vividas no final de 2008 e início de 2009, as expectativas positivas indicam a consolidação do processo de recuperação do crescimento ao longo do ano e apontam para uma retomada dos investimentos.

**Gráfico 26 | Índice de Confiança MG x Brasil**



Fonte: Índice de Confiança do Empresário Industrial – FIEMG/CNI

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças

## **DIRETORIA EXECUTIVA DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS**

### **PRESIDENTE**

Robson Braga de Andrade

### **VICE-PRESIDENTES**

Aguinaldo Diniz Filho

Bruno Melo Lima

Edson Gonçalves de Sales

Edwaldo Almada de Abreu

Flávio Roscoe Nogueira

José Maria Meireles Junqueira

Luiz Augusto de Barros

Olavo Machado Júnior

Petronio Machado Zica

René Wakil Júnior

Rinaldo Campos Soares

Romeu Scarioli

Teodomiro Diniz Camargos

Valentino Rizzoli

### **VICE-PRESIDENTES REGIONAIS**

Afonso Gonzaga – Centro-Oeste

Antônio Valério Cabral de Menezes – Pontal do Triângulo

Arioaldo de Melo Filho – Norte

Francisco José Campolina Martins Nogueira – Zona da Mata

Haylton Ary Novaes – Sul

João Batista Nunes Nogueira – Alto Paranaíba

José Maria Barra – Vale do Rio Grande

Luciano José de Araújo – Vale do Aço

Luiz Alberto Jardim – Rio Doce

Luiz Custódio Cotta Martins – Região Metropolitana Belo Horizonte

Pedro José Lacerda do Nascimento – Vale do Paranaíba

### **DIRETORES-SECRETÁRIOS**

Luiz Carlos Dias Oliveira

José Batista de Oliveira

Marcus Vinícius da Silva Lima

### **DIRETORES FINANCEIROS**

Cláudio Arnaldo Lambertucci

José Fernando Coura

Gilson Geraldo Xavier de Oliveira

## **PRODUÇÃO EQUIPE FIEMG**

### **GERÊNCIA DE ECONOMIA E FINANÇAS**

Guilherme Velloso Leão (Gerente)

### **CIN - CENTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS**

Carlos Eduardo Abijaodi (Gerente)

### **ASSESSORIA DA PRESIDÊNCIA**

Mauro Sayar Ferreira

### **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO CORPORATIVA**

Fernanda Cotta

FIEMG  
CIEMG  
SESI  
SENAI  
IEL

Sistema  
**FIEMG**

[www.fiemg.com.br](http://www.fiemg.com.br)